

humanitas

Vol. XXXIII – XXXIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS, XXXIII-XXXIV



MCMLXXXI-MCMLXXXII

COIMBRA

Por último, Isaías da Rosa Pereira, sagaz e paciente investigador dos escaninhos do Santo Ofício, descreve-nos as vicissitudes de «Damião de Góis perante o tribunal da Inquisição», desde a prisão em 4 de Abril de 1571 até 16 de Dezembro de 1572.

Recorda os pergaminhos da família, a vida do pagem da Corte, a frequência da Universidade para receber lições de gramática latina, a saída para Antuérpia, as deslocações diplomáticas e particulares, a amizade com Erasmo, os contactos com letrados e reformadores, o retorno à pátria, os privilégios e favores régios, historiando de seguida o processo inquisitorial, iniciado em 1545, mas retardado nos seus efeitos até 26 anos mais tarde.

Se a razão do desencadeamento processual emperrado se relacionará com a publicação das Crónicas e o despeito dos Braganças, ou com os factos acentuados por Borges de Macedo e atrás aludidos, só quando a edição crítica chegar ao cabo haverá talvez possibilidade de discernir. Sobre um Góis luterano ou hereje, Rosa Pereira, como canonista que também é, comprova não existirem elementos que induzam a tal aceitação.

Enfim, cinco peças variegadas de cinco mestres do saber goisiano que, apesar de desiguais no valor, ou até por isso, compõem um retrato mais moderno, contrastante de cores, enriquecido de elementos e, sob certas reservas, mais autêntico do nosso grande humanista e cosmopolita de Quinhentos.

AMADEU TORRES

D. JERÓNIMO OSÓRIO, Carta à Rainha da Inglaterra. Introdução de José V. de Pina Martins. Crítica e modernização do texto, tradução e notas de Sebastião de Pinho. Biblioteca Nacional, Lisboa, 1981, 252 pp. (incluindo 89 fotocópias).

É de saudar a edição de uma obra de D. Jerónimo Osório com a respectiva tradução. Mas não se compreende muito bem a escolha desta *Carta*, pois ela é, dentro das obras do «Cícero português», uma das menos significativas e até contribuiu, dado o seu teor altamente polémico, para o enfraquecimento da fama do Bispo de Silves além fronteiras, sobretudo em Inglaterra. Aliás, o simples facto de o autor ter escrito esta obra a pedido do Cardeal D. Henrique dá a entender que D. Jerónimo Osório não se sentiria muito inclinado para a sua redacção.

Seria, pois, de desejar a escolha, por parte do editor, de uma obra mais importante na bibliografia de D. Jerónimo Osório.

Esta edição da *Carta à Rainha da Inglaterra* inclui uma nota introdutiva, o *fac-simile* da 1.ª edição em latim, o texto latino com aparato crítico, a tradução e notas.

A introdução apresenta alguns aspectos da vida e da obra de D. Jerónimo Osório, tendo, em seguida, uma análise a esta *Carta*.

Pensamos que esta Nota Introdutiva poderia ter um pouco mais de profundidade, mas compreendemos que tal não tenha acontecido, tendo em atenção a importância da obra publicada. Já não compreendemos, e lamentamos, um descuido em que incorreu José V. de Pina Martins. De facto, na p. 16, diz: «*A Epistola Hieronymi Osorii ad serenissimam Elisabetam Angliae reginam*,...», que agora se reproduz anastaticamente e se verte em português também pela vez primeira,...». Ora, esta afirmação não é correcta, se dermos fé às seguintes palavras de Barbosa Machado (*Bibliotheca Lusitana*, III, Lisboa, 1752, s.u. Pedro Alvares Landim):

«Traduzido elegantemente na lingua Portugueza a Carta que o Bispo D. Jeronymo Osorio escreveo á Rainha de Inglaterra, e sahio com o seguinte titulo. *Epistola ad Serenissimam Elisabetham Angliae Reginam*, Ulyssipone apud Joannem Blavium, 1562.4.»

Desta tradução só possuímos esta notícia, mas Barbosa Machado fala tão categoricamente que não parece justo pô-lo em dúvida.

Sebastião de Pinho, com a sua tradução, conseguiu alcançar os objectivos que se propôs. De facto, o conteúdo foi transmitido com rigor científico e apareceu enriquecido estilisticamente com o movimento largo dado às frases e com o vocabulário e a sintaxe escolhidos. A tradução apresenta, de facto, um nítido sabor quinzentista, que assim compensa o que, irremediavelmente, se terá de perder ao traduzir um autor como D. Jerónimo Osório.

A crítica e a modernização do texto foram realizadas com rigor e o aparato crítico aparece-nos com uma singeleza que alivia o aspecto gráfico do texto.

Pena foi que a todo este trabalho do tradutor não tivesse correspondido a Biblioteca Nacional com uma melhor revisão de provas. De facto, as gralhas foram tantas que o tradutor se viu obrigado, já depois da obra encadernada — como ele próprio declara —, a elaborar uma enorme *Corrigenda* (75 remissões), pois o seu trabalho tinha ficado nitidamente prejudicado.

Esperemos, agora, que a publicação desta *Carta* seja o início da edição das *Opera Omnia* de um dos nossos maiores humanistas.

JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, *Estudos Camonianos*, 2.^a ed., Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980, XII + 139 pp.

Trata-se de um volume de grande interesse, que reúne trabalhos publicados nas décadas de 60 e 70, em diversas revistas (o I também editado, em tradução inglesa, em *The Journal of the American Portuguese Society*, vol. VIII, n.º 1, de New York, 1974) e actualizados para esta edição. Contém notas abundantes, seis reproduções fotográficas de pinturas, um índice dos versos citados, um índice onomástico e um índice geral.